

## PODE A PROFESSORA DE CRIANÇAS SER DESOBEDIENTE E INSUBMISSA?

*Eixo Temático 17 – Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação Docente*

Anamaria Ladeira Pereira <sup>1</sup>  
Camila Santos Pereira <sup>2</sup>  
Fernando Pocahy <sup>3</sup>

### RESUMO

O trabalho em tela apresenta elementos parciais de uma pesquisa que partiu da escuta de memórias dissidentes de professoras de crianças. Em diálogo com estudos feministas decoloniais e pós-estruturalistas, interrogam-se tanto práticas dos cotidianos escolares quanto ausências em pesquisas nesse campo. Onde estão os trabalhos acadêmicos/ativistas que abordam as sexualidades de professoras da educação infantil e dos anos iniciais? Questionamento motivador das interlocuções, em tensionamento com a cisheteronormatividade. Pode-se concluir que segue existindo um terreno ainda bastante hostil às educadoras em dissidência e, igualmente, certo receio científico sobre perturbações de gênero e sexualidade na docência da/na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Professoras de crianças, Sexualidade dissidente, “Professorinhas”.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, [anamariatudojunto@gmail.com](mailto:anamariatudojunto@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, [fycamila@gmail.com](mailto:fycamila@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutor pelo Curso de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, [fernando.pocahy@gmail.com](mailto:fernando.pocahy@gmail.com);

Tendo como base uma pesquisa de mestrado, recentemente concluída, na qual foram investigadas memórias dissidentes de professoras de crianças, escolhemos trazer à baila essas vozes tão pouco ouvidas quando se trata de suas próprias sexualidades e expressões de gênero. Tal escolha nos levou a trilhar caminhos repletos de lacunas, vazios e interrogações. Isso nos conduziu a certo estranhamento, considerando-se o atual escopo dos estudos de gênero e sexualidade na educação: Onde estão os trabalhos acadêmicos ou ativistas que abordam as sexualidades de professoras da educação infantil e dos anos iniciais?

Quem e como se fala das professoras de crianças? Pelo que pudemos acompanhar, parece que, em trabalhos acadêmicos, *na área da Educação*, as sexualidades dessas mulheres simplesmente não existem. Ausência que pode estar bastante assentada na imagem idealizada da “tia” ou professora como “segunda mãe” de estudantes de suas turmas. As vozes de lésbicas professoras de crianças ecoam neste trabalho porque, como todas as outras, não apenas precisam ser escutadas, constituem-se como desafios e limites para o campo, especialmente ao arranhar as figuras tradicionais de certas representações sobre mulheres docentes de níveis elementares de ensino.

Consideramos a hipótese de que muitas educadoras de sexualidade dissidente se recusam a participar de pesquisas. Nossos indicadores empíricos evidenciam que, entre as que têm mais de cinquenta anos, apenas as que estão bem estabelecidas em cargos públicos efetivos e com uma carreira consolidada se dispuseram, de bom grado, a conversar. O que se relaciona com um trecho do artigo *Lésbicas na docência*: muito além de uma versão feminina da homossexualidade masculina: “As entrevistas foram concedidas por pessoas do círculo de vivência profissional das autoras, sendo que existiram tentativas de outras entrevistas que foram negadas pelos mais variados motivos” (Giseli PASSOS; Gesiele VARGAS, 2021, p.7).

Esperamos que nossa argumentação, metodologia, referencial escolhido, bem como nossa cara e coragem de também expor memórias próprias, estejam à altura do desafio que escolhemos encarar. Buscamos costurar uma porção de lembranças ouvidas e vividas, a fim de escancarar a lesbofobia cotidiana nas escolas, formando uma colcha colorida pelas possibilidades de resistir coletivamente. E que o texto-tecido desarranje superfícies mofadas, essas já muito batidas e pisadas como se fossem o único chão possível a ser trilhado, expondo

---

<sup>4</sup> O trabalho é resultado do projeto de pesquisa intitulado “Memórias dissidentes de professoras de crianças: episódios de lesbofobia cotidiana.”

novos rumos e pondo em destaque diversos vieses, com frequência, invisibilizados. Ousamos nos pronunciar como lésbicas professoras de crianças.

## **ABRINDO NOSSO ESTOJO, NOSSA CAIXA DE MATERIAIS, NOSSO ARMÁRIO**

Partimos do entendimento de que, para tratarmos de lutas e insurgências na educação, que foram e seguem sendo invisibilizadas, é essencial abordarmos memórias docentes que têm sido, deliberadamente, ignoradas ao longo do tempo, sobretudo em pesquisas na área em questão. Nestas, quando, muito raramente, “professorinhas” são mencionadas, isso é feito de maneira que remete, em geral, a um saudosismo no estilo: “salvem a professorinha” ou “que saudades da professorinha”. Trechos retirados de títulos de teses e dissertações do catálogo da CAPES, site no qual há apenas meia dúzia de resultados com a palavra-chave “professorinha”. Em alguns dos trabalhos encontrados, o termo é envolto em encanto e doçura, capazes de tentar encher de nostalgia quem pesquisa a respeito. A sensação de estarrecimento diante de manifestações de apreço, tão envoltas em condescendência, por uma personagem muito mais imaginária do que passível de ser encontrada na realidade, nos levou à escrita deste texto. O desejo de manutenção do ideal de “professorinha”, associando-o à qualidade do ensino, reforça uma quantidade bem expressiva de problemas.

Professoras de crianças, em vez de reduzidas a quem, apenas, prepara e dá aulas, corrige lições etc., também atuam como docentes pesquisadoras em constante formação. A cada dia de trabalho, nos envolvem vivências a partir das quais artigos inteiros podem ser desenvolvidos. Faltam problematizações sobre o fato de trabalharmos, muitas vezes, de forma exaustiva e ganharmos um salário, em geral, muito aquém das horas de trabalho dedicadas e do desafio da função. Talvez nos ignorem para fazer de conta que tal iniquidade não existe, afinal, se não existimos, a desigualdade brutal com a qual somos tratadas também não. Lançamos nossas reflexões, perguntas e argumentos neste trabalho como uma estratégia político-epistemológica (Fernando POCAHY, 2011), parte de uma pesquisa que não esconde sua potência combativa pela via da problematização.

Professoras lésbicas e de sexualidades dissidentes costumam ser ainda mais apagadas. Vale pontuar que, quando se aprende, desde muito cedo, que tudo que estamos fazendo e sentindo é um erro, podemos pensar no silenciamento como uma forma de agir estratégica para evitar os riscos envolvidos ao nos manifestarmos. Percebemos que, em dadas relações de saber-poder e dominação, a agência possível, para muitas pessoas, é silenciar-se. Assim, escondemos medos e segredos como se ao revelá-los nossa vida estivesse em risco, e muitas

vezes, por mais trágico que seja, realmente está. Na educação infantil e nos anos iniciais, professoras que se adequam às próprias normas em vez de ao padrão estabelecido, devido à lesbofobia e à misoginia conjugadas, ficam à mercê de inúmeros perigos, entre eles o de adoecer física e mentalmente.

Destacamos a fala de uma das docentes com quem conversamos e, posteriormente, na dissertação, aprofundamos as descrições sobre os nossos encontros e como estas se identificam. A professora Adélia explicitou: *não há lugar, em um colégio, que possa ser mais tenebrosamente lgbtfóbico do que a sala dos professores*. Sendo assim, omitir todo e qualquer detalhe de sua vida pessoal ou, então, sofrer discriminação de colegas e ter de se defender de agressões cotidianamente, nos parece uma escolha cruel. A professora Celina, em um episódio, nos mostra como essas disparidades se traduzem no cotidiano escolar:

*[...] por exemplo, se era final de ano [celebrações da escola], se vai com o marido, eu não ia com a, com a minha esposa, com a companheira, não levava; mas aí também ninguém perguntava, meio que tipo assim: “A Celinaaaa, sei lá, deve ser assexuada”, é lógico que as pessoas devem falar pelas costas, mas comigo nunca chegou e falou nada. (Celina, 2021).*

Há opções em que a dignidade da professora lésbica ou dissidente sexual, que trabalha em turmas de crianças, possa ser protegida ou apenas se pode “escolher” entre o silêncio ou a segregação?

Buscamos, como objetivo geral, analisar os jogos de produção de verdade em torno da docência/decência (Dayana BRUNETTO, 2017) das educadoras, especialmente em tensionamento às redes enunciativas e prescritoras sobre o que é tido como certo, unívoco (em relação a professoras de crianças, mas não apenas). Buscamos colocar sob suspeita, de maneira abrangente e por meio de questionamentos variados, determinadas práticas, no intuito de desconstruí-las. Defendemos que os sentidos não são dados; são, isto sim: produzidos, logo podem ser contestados, para que não sigam sendo perpetuados apenas os mesmos significados e direcionamentos. Nossa intenção se evidencia na problematização de regras e normas, lembrando que estas devem adequar-se às demandas da sociedade como um todo, de modo que, quando não sirvam mais, sejam modificadas.

## **ESCREVER, APAGAR, REESCREVER: SOBRE AS DISCUSSÕES DESENVOLVIDAS**

Ressaltamos que “nesse contexto da 'representação como política', não ter voz ou não se ver representado pode significar nada menos do que opressão existencial” (Stuart HALL, 2016, p.13). Nesse sentido, com o foco em enfrentar opressões, especialmente as destinadas a

professoras de sexualidade dissidente, nos aprofundamos nos referenciais teóricos dos estudos feministas, decoloniais e pós-estruturalistas, tendo a interseccionalidade (Carla AKOTIRENE, 2018) um importante conceito criado pelo feminismo negro, permeado a pesquisa, como um todo. Pomos em evidência, com apoio de extensa pesquisa bibliográfica, que “as lésbicas estão sempre à margem, tanto em tempos de crise quanto de expansão, são as mais afetadas. A subalternidade feminina é um estado comum a todas as mulheres que vivem em sociedades patriarcais” (Suane SOARES, 2021, p.305) e para contornar essa situação, é preciso admitir que a desigualdade existe.

Pesquisar memórias dolorosas, expô-las no intuito de encarar o mal que se mescla a tanto sofrimento, para poder, de alguma forma, saná-lo, gerou muita dor no desenrolar deste trabalho. À medida que estudamos e ouvimos relatos angustiantes, as próprias angústias, que pareciam controladas no mais íntimo, se acentuaram. Como impedir que isso aconteça quando temos conhecimento de que, por exemplo, após sobreviverem aos campos de concentração na Alemanha, mulheres lésbicas ou dissidentes sexuais evitaram falar sobre os motivos que as levaram ao confinamento, temendo o que lhes poderia ocorrer. Esse pavor levou a um silêncio coletivo das sobreviventes, revelado após uma pesquisa de história oral, de acordo com Michael Pollak (1989). Apesar de que vale ressaltar que o autor, em seu texto, faz referência aos “homossexuais”, sem especificar as vivências de mulheres.

Depois de tudo que viveram de absurdamente violento, o pavor de que sua orientação sexual fosse descoberta ainda provocava desespero, pois poderia levar a sanções. Frente a imposição de um severo silenciamento, não sabemos quais foram as estratégias de resistência, criadas por aquelas dissidentes da heteronormatividade para evitar ainda mais violência, tampouco como se sentiram, como lidaram com novos e incessantes sustos. Nesta pesquisa, movidas por espantos múltiplos, buscamos preencher lacunas a respeito de como professoras lésbicas de turmas de crianças se sentem diante da obrigatoriedade de calar-se. Aprendemos com Grada Kilomba (2019, p.227) que “a pergunta: 'O que o incidente fez com você?' é bastante libertadora, pois ela abre espaço para o que foi negado”.

Aqui, nos questionamos sobre como mover ações, coletivamente, em contraposição a esse ocultamento, que é ainda mais violento contra professoras mulheres que ousam criar seus próprios padrões, sobretudo se dão aulas em turmas de crianças. A professora de turmas da educação infantil e dos anos iniciais, a “segunda mãe”, a “tia”, aquela figura tão “boazinha”, “aquela que também representaria a norma padrão e estaria ali para neutralizar possíveis ameaças à ordem instituída dos gêneros [e não para ser um alento para] corpos indesejados, inconvenientes” (Leonardo NOLASCO-SILVA; Ana Letícia VIEIRA, 2020, p.174).

Convidamos a refletir sobre a perseguição a qual estão sujeitas ao abordar temas referentes às diversidades de gênero e orientação sexual, por exemplo. Ou essas profissionais devem fingir não ouvir xingamentos e outras agressões proferidas pelas crianças, denominando colegas de “viadinhos” e “sapatas”? E os comportamentos machistas de alguns alunos devem ser ignorados?

## **O AMANHÃ ESTÁ POR VIR: CONSIDERAÇÕES QUE NÃO ENCERRAM**

O trabalho evidenciou determinados jogos de verdade sobre a docência dos anos iniciais por meio do que as professoras decidiram partilhar de significativo de suas vivências como corpos dissidentes em espaços restritos às dissidências em geral. Além disso, analisamos desafios para a formação docente, em tempos sombrios de retrocessos em relação às questões de gênero dentro do ambiente acadêmico e escolar, com sucessivos cortes de financiamentos e censuras em todos os níveis. Em concordância com Daniela Auad (2021), reiteramos a importância de que cursos de licenciatura ofereçam disciplinas sobre diversidade de gênero e sexualidade em abordagens interseccionais, que incluam as lesbianidades na ementa/currículo, para que a temática deixe de ser estigmatizada. Precisamos sublinhar, novamente, a escassez de pesquisas sobre as lesbianidades docentes e frisar que as poucas que existem foram, em sua maioria, desenvolvidas na última década.

Levando em conta que só podemos construir uma nova lógica de mundo se a gente se dispuser a ouvir as vozes que têm sido, politicamente, ignoradas, analisamos os usos políticos da memória e as disputas que levam certas vivências ao esquecimento, de acordo com interesses de cada época. E as professoras que estão em relacionamento com uma mulher ou amam e desejam mulheres e dão aulas em turmas de crianças e disfarçam ao máximo possível, mantendo-se em armários para não perder o cargo, sintam-se abraçadas por nós, aquelas cuja orientação todo mundo desconfia e muita gente aponta, faz troça, ameaça, processa e expulsa dos quadros docentes. Ainda assim nos expomos, porque a isso nós chamamos vida. Por cada uma de vocês, sapatãs/sapatonas injustiçadas, perseguidas, massacradas em ambientes de trabalho embebidos em assédios de todo tipo, desenvolvemos esta pesquisa – e por nós mesmas. Aprendemos, nos dois anos e tanto de duração deste estudo tão complexo, que se nós não levantarmos a voz por nós mesmas, ninguém mais o fará. Gritemos juntas, para que sejamos ouvidas. E sigamos adiante, companheiras, nos queremos bem e nos queremos vivas.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AUAD, Daniela. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, 2021.

BRUNETTO, Dayana. **Docências trans\***: entre a decência e a abjeção. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; VIEIRA, Ana Letícia. O corpo trans como corpo-imagem-andarilho: resistência, contestação e desestabilização nos/dos cotidianos escolares. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, n. 2, p.172-189, 2020.

PASSOS, Giseli Cristina dos; VARGAS, Gesiele. **Lésbicas na docência**: muito além de uma versão feminina da homossexualidade masculina. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre vapores e dublagens**: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. 2011. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 1 jul. 2022.

SOARES, Suane Felipe. Reflexões sobre a condição lésbica em tempos de estados-nação contemporâneos. In: ALVES, Bárbara; FERNANDES, Felipe (Orgs). **Pensamento lésbico contemporâneo**: decolonialidade, memória, família, educação, política e artes. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2021.